



**UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO- UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PRESIDENTE DUTRA- CESP
CURSO DE LETRAS LICENCIATURA E HABILITAÇÃO EM LÍNGUA
PORTUGUESA E LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA PATRICIA SILVA DO NASCIMENTO

**GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA:** construindo e sendo construídos mediante os gêneros
discursivos

Presidente Dutra- MA

2022

MARIA PATRICIA SILVA DO NASCIMENTO

**GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS UMA REFLEXÃO SOBRE O ENSINO DA
LÍNGUA PORTUGUESA: construindo e sendo construídos mediante os gêneros
discursivos**

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Orientadora: Prof^ª. Especialista Widêglan Marques Sousa Beserra.

Presidente Dutra – MA

2022

Nascimento, Maria Patricia Silva do.

Gêneros textuais digitais uma reflexão sobre o ensino da língua portuguesa: construindo e sendo construídos mediante os gêneros discursivos / Maria Patrícia Silva do Nascimento. – Presidente Dutra, MA, 2022.

37 f

Monografia (Graduação) - Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa, Centro de Estudos Superiores de Presidente Dutra, Universidade Estadual do Maranhão, 2022.

Orientadora: Profa. Esp. Wildêglan Marques Sousa Bezerra.

1.Gênero textual digital. 2.Internet. 3.Hipertexto. I.Título.

CDU: 811.134.3'42:[37:004.55]

MARIA PATRICIA SILVA DO NASCIMENTO

GÊNEROS TEXTUAIS DIGITAIS E O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA:
construindo e sendo construídos mediante os gêneros discursivos

Monografia apresentada ao Curso de Letras Licenciatura em Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, para obtenção do grau de Licenciado em Letras Língua Portuguesa e Literaturas de Língua Portuguesa.

Aprovada em: 20 de julho de 2022.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Especialista Widêglan Marques Sousa Beserra.
Especialista em Psicologia - UEMA

Prof^o. Mestre John Jefferson do Nascimento Alves.
Mestre em Letras - UERN

Prof^a. Antônia Karine do Nascimento Rosendo.
Especialista em Literatura Contemporânea – Faculdade São Luís.

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a Deus por ser minha proteção, meu escudo e minha fortaleza, a minha mãe Belmira Silva do Nascimento por ser fonte de inspiração tanto na vida pessoal quanto na vida profissional, sigo com orgulho seus passos, uma mulher guerreira e que me ensinou a nunca desistir, minha Vovó Francisca de Moraes Silva (Mainha) *in memoriam* por todo amor e cuidado que me foi dado durante sua vida, jamais será esquecida, minhas filhas Maria Açucena Silva do Nascimento e Maria Clara Silva do Nascimento que estão sempre comigo nos dias de luta e com certeza nas vitórias, amo vocês além do amor, sempre e para sempre. E ao meu colega de curso Adailton Pimentel (*in memoriam*) por todos os momentos que compartilhamos juntos e a todos que estiveram ao meu lado nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela dádiva da vida, por me conceder perseverança e determinação e por me mostrar que todo esforço vale a pena, à minha família, em especial minha mãe Belmira Silva do Nascimento, meus irmãos Gasparry Franciolle Silva do Nascimento e Francisca Betriny Silva do Nascimento e minhas filhas Maria Açucena Silva do Nascimento e Maria Clara Silva do Nascimento por estarem sempre ao meu lado, por todo apoio e paciência e as minhas #BelasInteligentesDaBaladaEDoBar Ana Paula Ferreira da Silva, Antônia Karine do Nascimento Rosendo, Eliane Silva Sousa (Lika), Isabelle Ramos Nascimento, Ferliane Alves Lima Carvalho, Fernanda Fonseca da Costa e Karina Medeiros dos Santos pelo companheirismo nessa jornada.

“A língua não é um agente neutro que adentra livre e facilmente as intenções mais íntimas do falante; é povoado - superpovoado - pelas intenções dos outros.”

(Mikhail Bakhtin)

RESUMO

Atualmente, o mundo está inserido em uma fase de grandes evoluções tecnológicas, proporcionadas principalmente pelo surgimento da *internet*, e isto exerce uma forte influência na comunicação. O ambiente virtual é flexível e dinâmico e isso se reflete na escrita, o que causa uma série de preocupações e desafios em relação ao ensino da língua tradicional portuguesa. Portanto, o presente estudo teve como objetivo discorrer a respeito da importância dos gêneros textuais digitais no ensino da língua portuguesa, levando em conta o atual cenário social estar fortemente influenciado pelas tecnologias digitais. A metodologia utilizada foi à pesquisa bibliográfica, sendo de caráter descritivo com uma abordagem qualitativa. Foram utilizados livros, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis na *internet*, em bases de dados como Periódico CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), *SciELO (Scientific Eletronic Library Online)* e *Google Acadêmico*. A fundamentação teórica deste trabalho consiste nas contribuições de autores como Bakhtin (2006), Marcuschi (2012), Lévy (2005), Rojo (2012), Travaglia (2007), entre outros. Dessa maneira, através desse estudo foi possível entender que os gêneros textuais são mutáveis e se adaptam ao cenário nos quais estão inseridos. Dentro do contexto virtual, foram surgindo diversos tipos de gêneros digitais que trouxeram uma grande contribuição para o ensino da Língua Portuguesa, pois abrange o dinamismo da linguagem nas diferentes esferas da sociedade.

Palavras-chave: Gênero textual digital. *Internet*. Hipertexto.

ABSTRACT

Currently, the world is inserted in a phase of great technological developments, mainly provided by the emergence of the Internet, and this exerts a strong influence on communication. The virtual environment is flexible and dynamic and this is reflected in writing, which causes a number of concerns and challenges in relation to the teaching of the traditional Portuguese tongue. Therefore, the present study aimed to discuss the importance of digital textual genres in portuguese language teaching, taking into account the current social scenario being strongly influenced by digital technologies. The methodology used was the bibliographic research, being descriptive with a qualitative approach. Books, scientific articles, theses and dissertations available on the Internet were used in databases such as CAPES Journal (Coordination for the Improvement of Higher Education Personnel), SciELO (Scientific Electronic Library Online) and Google Scholar. The theoretical foundation of this work consists of the contributions of authors such as Bakhtin (2006), Marcuschi (2012), Lévy (2005), Rojo (2012), Travaglia (2007), among others. Thus, through this study it was possible to understand that textual genres are changeable and adapt to the scenario in which they are inserted. Within the virtual context, several types of digital genres were emerging that brought a great contribution to the teaching of the Portuguese language, because it encompasses the dynamism of language in the different spheres of society.

Keywords: Digital textual genre. Internet. Hypertext.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 GÊNERO TEXTUAL	12
2.1 Gêneros textuais: Conceitos e tipologia	12
2.2 As novas tecnológicas e os novos gêneros textuais	16
3 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GÊNERO DO DISCURSO	21
3.1 Gênero do discurso	21
3.2 Gêneros digitais	22
3.3 A análise de gênero textuais de acordo com abordagem socio-retórica.....	24
4 ESCRITA DIGITAL X ESCRITA FORMAL	26
4.1 Influência da escrita digital sobre norma culta	26
4.2 Fanfiction: uma escrita criativa na Web	29
5 CONCLUSÃO	33
REFERÊNCIAS.....	34

1 INTRODUÇÃO

Gênero textual pode ser definido como um conjunto de elementos linguísticos de diferentes naturezas, os quais se articulam na linguagem utilizada nos diversos contextos sociais. Ainda podem ser formas recorrentes e significativas de agir em conjunto, que influenciam a ordem no contexto da vida em coletividade (MOTTA-ROTH, 2010).

Para o autor Marcuschi (2002), o gênero textual são textos que encontramos na vida cotidiana e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Os gêneros textuais, no entanto, são altamente mutáveis, e vão surgindo conforme o propósito comunicativo desejado.

Com o surgimento da *internet*, veio também a necessidade de uma comunicação específica e virtual. Então surgiram os gêneros digitais, os quais apresentam uma estreita relação com outros gêneros textuais já existentes. No entanto, por terem sido designados para um discurso virtual, eles apresentam características particulares. (MEYER, 2020).

Para Marcuschi (2010), os gêneros digitais são aqueles que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais, como por exemplo: o *e-mail*, o *blog*, o *chat*, a videoconferência, entre outros. O autor relata que os gêneros digitais possuem características semelhantes com as dos gêneros textuais já consolidados no meio impresso.

Pensando nisso, objetivou-se discorrer a respeito da influência dos gêneros textuais digitais no ensino da língua portuguesa. O atual cenário em que nos encontramos está fortemente influenciado pelas tecnologias digitais e é possível perceber que a escrita digital se apresenta de forma mais flexível, menos rígida e altamente dinâmica, o que traz consigo uma série de preocupações e desafios em relação ao ensino da língua tradicional portuguesa.

Entende-se que o educador deve estar preparado para encarar as linguagens múltiplas e utilizá-las a seu favor, buscando distinguir a diversidade linguística e transitar entre a realidade multissemiótica das escritas virtuais e a língua padrão dos textos formais.

Considerando o tema abordado, bem como a problemática apresentada e objetivo proposto, a metodologia adotada para elaboração deste trabalho foi a análise bibliográfica, do tipo descritivo e exploratório. Foram utilizados livros, artigos científicos, teses e dissertações disponíveis na *internet*, em bases de dados como Periódico CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), *SciELO (Scientific Eletronic Library Online)* e *Google Acadêmico*. A fundamentação teórica deste trabalho consiste nas contribuições de autores como Bakhtin (2006), Marcuschi (2012), Lévy (2005), Rojo (2012), Travaglia (2007), entre outros.

O trabalho se organiza de forma a abranger os principais pontos para essa discussão. Em um primeiro momento há uma exposição a respeito do que são gêneros textuais, quais os conceitos e tipos e como as novas tecnologias tem influenciado no surgimento de novos gêneros textuais. Em seguida, discute-se as concepções de língua e gêneros do discurso, que visou resgatar os principais conceitos entre gêneros de discurso e gêneros digitais, bem como analisá-los de acordo com a abordagem socio-teórica. Por fim, buscou-se elucidar as principais características entre a escrita digital e a escrita formal, buscando observar as diferenças e semelhanças entre ambas, como também expor o exemplo dentro do contexto da “*Fanfiction*”.

2 GÊNERO TEXTUAL

2.1 Gêneros textuais: Conceitos e tipologia

A palavra texto vem do latim *textum* que significa tecido, entrelaçamento. O texto seria então o resultado de uma combinação perfeita de “fios”, que resultariam em uma costura. Nesta analogia, os fios seriam as orações/frases e a costura, o texto propriamente dito. O conceito de texto dado por Dubois et al. (2007) refere-se ao texto como o conjunto dos enunciados linguísticos submetidos à análise: o texto passa a ser uma amostra de comportamento linguístico que pode ser escrito ou falado.

A linguagem é um método de comunicação racional de ideias, emoções e desejos por meio de símbolos. A língua permite ao homem criar e agir sobre a realidade. Para Vygotsky (2010), o momento mais significativo no desenvolvimento intelectual é quando a fala e a atividade prática convergem. Hjelmslev (1975, p. 15) em seu texto apresenta a importância da linguagem para o homem:

A linguagem, a fala humana é uma inesgotável riqueza de múltiplos valores. A linguagem é inseparável do homem e segue-o em todos os seus atos. A linguagem é o instrumento graças ao qual o homem modela seu pensamento, seus sentimentos, suas emoções, seus esforços, sua vontade e seus atos, o instrumento graças ao qual ele influencia e é influenciado, a base última e mais profunda da sociedade humana. Mas é também o recurso último e indispensável do homem, seu refúgio nas horas solitárias em que o espírito luta com a existência, e quando o conflito se resolve no monólogo do poeta e na meditação do pensador. Antes mesmo do primeiro despertar de nossa consciência, as palavras já ressoavam à nossa volta, prontas para envolver os primeiros germes frágeis de nosso pensamento e a nos acompanhar inseparavelmente através da vida, desde as mais humildes ocupações da vida quotidiana aos momentos mais sublimes e mais íntimos dos quais a vida de todos os dias retira, graças às lembranças encarnadas pela linguagem, força e calor. A linguagem não é um simples acompanhante, mas sim um fio profundamente tecido na trama do pensamento; para o indivíduo, ela é o tesouro da memória e a consciência vigilante transmitida de pais para filhos. Para seu bem e para o mal, a fala é a marca da personalidade, da terra natal e da nação, o título de nobreza da humanidade.

A linguagem se insere por meio de elemento textual como um sistema mediador de discursos para trocar informações materiais e culturais, e também para construir conhecimento. Portanto, é necessário o correto uso de diferentes gêneros textuais, e se torna indispensável um letramento adequado ao contexto contemporâneo.

Logo, entende-se por gênero textual um conjunto de elementos linguísticos de diferentes naturezas, como por exemplos: os elementos fonológicos, morfológicos, lexicais, semânticos, sintáticos, oracionais, textuais, pragmáticos e discursivos. Estes gêneros se articulam na linguagem utilizada nos diversos contextos da experiência humana, sendo socialmente compartilhados. Ainda podem ser formas recorrentes e significativas de agir em conjunto, que influenciam a ordem no contexto da vida em coletividade (MOTTA-ROTH, 2010).

Como representa um instrumento linguístico de natureza comunicativa, o gênero textual representa um acordo de como agir socialmente por meio da linguagem e seu conhecimento é de extrema importância para todos os membros da sociedade.

A variedade de gêneros textuais revela a variedade dos aspectos da personalidade individual. Bakhtin divide os gêneros em dois tipos: o primário e o secundário. O gênero textual primário é aquele usado em comunicação verbal espontânea, como os diálogos entre amigos e familiares, reuniões informais e oralidade de um modo geral. Já o gênero secundário faz uso de uma linguagem mais elaborada, geralmente é escrita, e usada para situações de comunicação formal. A diferença entre cada tipo é a complexidade e elaboração que cada um exige. Bakhtin (1997, p. 279) afirma que:

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e, sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolivelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gêneros do discurso.

Bakhtin (1997), em sua noção de gênero, não leva em consideração só aspectos verbais, mas também condições sociais e históricas de produção da linguagem. Para o autor, gênero é um tipo de enunciado que é uma unidade básica da comunicação, delimitada pelas trocas comunicativas entre os interlocutores.

Segundo Marcuschi (2002), a expressão gênero textual é utilizada para se referir a textos materializados que encontramos na nossa vida diária e que apresentam características sociocomunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica. Se os tipos textuais são apenas meia dúzia, os gêneros são inúmeros. Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: telefonema, sermão, carta comercial, romance, bilhete, reportagem jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, *outdoor*, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversa espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.

Travaglia (2007) afirma que os gêneros podem estar ligados a tipos que os compõe necessariamente ou não ou a espécies de tipos. Para o autor, quando os tipos fazem parte dos gêneros, eles podem se cruzar (quando apresentam características de dois ou mais tipos simultaneamente), se conjugar (os tipos estão lado a lado na composição do gênero, porém em espaços distintos, não havendo junção dos mesmos) ou se intercambiar (uma situação de interação em que se esperava um tipo ou gênero, mas o mesmo ocorre outra categoria).

Por outro lado, o tipo textual está relacionado à estrutura gramatical de um determinado texto. Em geral, os tipos textuais abrangem várias categorias conhecidas como: narração, argumentação, exposição, descrição, injunção. Um gênero textual pode conter trechos com diversas características do tipo textual. Por exemplo, uma carta pode apresentar a descrição de um lugar, a narrativa de acontecimentos e a argumentação de pontos de vista e opiniões (MARCUSCHI, 2002).

Em geral, a expressão 'tipo de texto', muito usada nos livros didáticos e no nosso dia-a-dia, é equivocadamente empregada e não designa um tipo, mas um gênero de texto. Quando alguém diz, por exemplo 'a carta pessoal é um tipo de texto informal', ele não está empregando o termo tipo de texto de maneira correta e deveria evitar essa forma de falar. Uma carta pessoal que você escreve para sua mãe é um gênero textual, assim como um editorial, horóscopo, receita médica, bula de remédio, poema, piada, conversa casual, entrevista jornalística, artigo científico, resumo de um artigo, prefácio de um livro. É evidente que em todos esses gêneros também estão se realizando 40 Fundamentos para o Ensino da Leitura e da Escrita tipos textuais, podendo ocorrer que o mesmo gênero realize dois ou mais tipos. Assim, um texto é tipo logicamente variado (heterogêneo). Veja-se o caso da carta pessoal, que pode conter uma sequência narrativa (como uma historinha), uma argumentação (argumenta em função de

algo), uma descrição (descreve uma situação) e assim por diante (MARCUSCHI, 2002, p. 25).

De acordo com Travaglia (2002), dificilmente são encontrados tipos textuais puros. Um exemplo deste fato é o manual de instruções que pode ser classificado como um texto injuntivo, no entanto, ele também traz informações descritivas sobre o equipamento. Para o autor, tipo textual pode ser identificado e caracterizado por instaurar um modo de interação, uma maneira de interlocução, segundo perspectivas que podem variar, constituindo critérios para o estabelecimento de tipologias diferentes.

Através da comunicação por gêneros textuais, cada pessoa desenvolve suas possibilidades pessoais, habilidades comunicativas e compreende melhor o mundo com que está se comunicando. Assim, torna-se apta a participar das situações comunicativas em que está inserida dentro de uma comunidade, entendendo e se fazendo entender de maneira clara e objetiva. Conhecer os gêneros textuais dá autonomia, pois ao serem veiculados em outro lugar fora daquele em que circulam habitualmente, os textos acabam por sofrer transformações, passando de gênero de comunicação a gênero de aprendizagem (BAZERMAN, 2011).

Ao produzir um texto, opta-se pela melhor forma de transmitir a mensagem. Indivíduos que precisam se comunicar, porém não possuem os meios eletrônicos, poderão utilizar o gênero carta para transmitir sua mensagem. Utiliza-se uma determinada estrutura ou tipo textual que se apresentará em forma de gênero, que é a carta propriamente dita, a qual requer um destinatário, um remetente, data, local, corpo do texto e assinatura. Porém, se essa carta não for assinada por alguma razão, por exemplo, não deixará de ser uma carta, nem mesmo deixará sua função de comunicação. Ou seja, cada gênero textual pode conter vários tipos textuais. O gênero é a funcionalidade do tipo textual da comunicação (MARCUSCHI; XAVIER, 2005).

Com isso, o pesquisador Travaglia (2002, p. 2-3) fez uma breve definição sobre os tipos textuais:

a- na descrição, o produtor do texto se coloca na perspectiva do espaço em seu conhecer o que o leva a querer caracterizar, dizer como é, escolhendo, pois, informações apropriadas a este fim: localização, características e elementos constitutivos do objeto da descrição;

b- na narração, o produtor se coloca na perspectiva do fazer ou acontecer inserido no tempo. O que quer é contar o que aconteceu, dizer os fatos, os acontecimentos. Portanto o tipo de informação necessária é outro: os fatos ou acontecimentos, constituindo episódios, ordenados no tempo do mundo real;

c- na dissertação, o produtor se põe na perspectiva do conhecer, abstraindo do tempo e do espaço. Neste caso busca o refletir, o explicar, o avaliar, o conceituar, o expor ideias para dar a conhecer, para fazer saber, associando-se à análise e à síntese de representações. Assim sendo, o que importa como informação são as entidades, as proposições sobre elas e as relações entre estas proposições sobretudo as de condicionalidade, causa/consequência, de oposição (ou contra junção), as de adição (ou conjunção), de disjunção, de especificação/ampliação/exemplificação, comprovação, etc.

d- na injunção, o produtor fica na perspectiva do fazer posterior ao tempo ou momento da enunciação. O objetivo é incitar à realização de uma situação (ação, fato, fenômeno, estado, evento, etc.), requerendo-a ou desejando-a, ensinando ou não como realizá-la. Neste caso a informação é sempre algo a ser feito e/ou como ser feito.

Logo, os tipos textuais ditam as características estruturais do texto, os tipos linguísticos de cada categoria, as classes de palavra, as estruturas sintáticas. Enquanto os gêneros definem o contexto de uso, o tipo de linguagem, a função social exercida pelo texto e sua forma de interagir com o mundo.

2.2 As novas tecnologias e os novos gêneros textuais

Sob influência da industrialização, em meados dos anos oitenta, o capitalismo pós-industrial surgiu, e com ele veio o conceito de sociedade informacional. A sociedade informacional ou sociedade da informação faz menção às tecnologias que têm capacidade de transformar uma sociedade, demandando mais rapidez nas relações e nos sistemas. Já na sociedade do conhecimento ocorre uma democratização do conhecimento, a própria rede é global, não tem limites e opera através da microtecnologia (CASTANHEIRA; BRUMATTI, 2011).

Essas tecnologias permitiram que o homem tivesse domínio e controle sobre a informação, já que é parte integrante de qualquer atividade humana, individual ou coletiva. A tecnologia tem se apresentado como o principal fator de progresso e de desenvolvimento. Atualmente, ela é um bem social e meio de agregação de valores de diversos produtos (SILVEIRA; BAZZO, 2009).

As complexas tecnologias que se encontram embutidas no interior das tecnologias da informação e da comunicação foram construídas no decurso da história da humanidade para a qual todos os homens deram sua contribuição: seja pelo trabalho de todos no fundo das minas, ou nos campos, ou nas máquinas das grandes urbes, seja nos laboratórios, nos escritórios ou centros de pesquisa. Todos os resultados tecnológicos são frutos de trabalho coletivo de milhões de homens de todas as classes sociais ou grupos de poder no decurso da história. Por isso, a apropriação por todos de todos seus benefícios é um Direito Humano. Mas a apropriação não se dá por imposição ou por um direito difuso, mas pela inicial leitura do que ela seja, do que traz, do que implica, do que permite de criação, de cultura, do que é canal de comunicação ou do que é a melhoria das condições de vida material (ALMEIDA, 2011, p.11).

Com a evolução das tecnologias, surgiu a *internet* que é uma mídia aberta, descentralizada e altamente dinâmica. Essa mídia conecta pessoas no mundo todo, diminui distâncias de espaço e tempo, além de ser menos dispendioso em relação aos outros meios de comunicação. A *internet* é uma mídia que utiliza a escrita, logo o papel da linguagem contido neste meio de comunicação tem provocado efeitos sob a linguagem tradicional e culminado com o surgimento de novos gêneros textuais (FREITAS; FINELLI; MACIEL, 2014).

Para Pierre Lévy (2005), as tecnologias digitais colocam a humanidade em um caminho sem volta. As práticas, pensamentos, atitudes e valores estão mudando por conta deste novo espaço de comunicação, o espaço da inteligência coletiva. Para ele, o ciberespaço é uma espécie de simulação da consciência humana global que afeta a consciência, da mesma forma como aconteceu com o fogo, a linguagem, a religião, a arte e a escrita, cada etapa integrando as anteriores e indo mais longe no decorrer de uma progressão de dimensão exponencial.

Essa integração ocorre porque a *internet* é um hipertexto produzido coletivamente num contexto ciberespacial. O hipertexto é um texto que contém vários *links* e possibilita ao leitor uma leitura dinâmica e não linear, já que ele é livre para modificar o caminho de sua leitura quando os acessa. Por meio dos *links* é possível produzir documentos interconectados com outros documentos ou arquivos a partir de palavras, imagens ou outros objetos. Navegar é seguir uma sequência de *links*, agregando interatividade ao documento e somando rapidamente outros conteúdos sobre o assunto específico de que se está tratando (PAREJA, 2018).

Essa versatilidade permitiu que a *internet* reunisse vários recursos como imagem, vídeo, texto e som em um único espaço. Consequente a isso, novos gêneros textuais surgiram, os chamados gêneros virtuais ou digitais. A internet possui novas formas de escrita e leitura com características específicas que provocam mutações na leitura e escrita, as quais escapam à sucessividade canônica das ferramentas ou dos suportes de escrita tradicionais (COSTA, 2005; MARCUSCHI; XAVIER, 2005).

O tipo de comunicação que predomina na *internet* está relacionado com a liberdade de expressão, a emissão livre de mensagens, a comunicação orientada para uma determinada criação coletiva, surgindo desta forma um sistema hipertextual global verdadeiramente interativo (CASTELLS, 2003, p. 24).

Os gêneros virtuais apresentam um tipo de escrita diferenciado, os quais não possuem limitações geográficas e temporais, pautados na multidimensionalidade que permite ao leitor gerenciar seu acesso às informações de acordo com suas preferências pessoais e seus interesses, bem como interagir na produção de informação (MEYER, 2020).

A linguagem utilizada na *internet*, para Souza (2001, p. 33) é definida da seguinte forma:

É escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo, potencialmente, a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por nela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização paralinguística, por seus usuários parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais.

O chamado “*internetês*” é a linguagem no ciberespaço que reflete o desejo de aproximar cada vez mais a linguagem escrita da linguagem oral. Um exemplo disso é a redução das palavras como pq (por que), vc (você), kd (cadê), tb (também), hj (hoje), fds (fim de semana), flw (falou). Outra característica desse tipo de linguagem é a repetição de letras para dar um sentido de intensificação na frase, como “bjsssss” ou “obggggg”, demonstrando a criatividade dos usuários e inovando a construção da

linguagem virtual. São usadas, ainda, construções mais complexas, como “9dades” cujo significado seria: “novidades” (PAREJA, 2018).

Sobre a escrita nos meios eletrônicos, três aspectos devem ser verificados. Do ponto de vista dos usos da linguagem, pode ser observado a pontuação minimalista, uma ortografia bizarra, excesso de siglas, abreviações não convencionais, frases com estruturas pouco ortodoxas e uma escrita semialfabética. Já do ponto de vista da natureza da linguagem, integram-se mais semioses do que o usual, levando em consideração a natureza do meio com a participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiper pessoalidade. Por fim, do ponto de vista dos gêneros realizados, a internet transmuta de forma complexa, entre os gêneros existentes, a criação de novos gêneros e a mesclagem de vários outros (MARCHUSCHI, 2005).

Souza (2007) discute sobre a noção de gênero e sua variância em decorrência do meio. O estilo de um gênero textual vai variar de acordo com a comunidade no qual está inserido. As noções de momento e lugar delimitarão as características estilísticas de um gênero em uma comunidade virtual. Algumas comunidades parecem atrair certos tipos de gêneros, o caso da publicidade eletrônica nas salas de bate-papo aberto. Assim, cada comunidade irá comportar um gênero sempre ancorado pelo lugar da enunciação.

Esses ambientes virtuais trouxeram uma infinidade de novos gêneros e que são universalmente utilizados, como *e-mail*, *chats*, fóruns de discussão e *blogs* na *internet*. Esses gêneros apresentam uma estreita relação com outros gêneros textuais já existentes. No entanto, eles foram designados para um discurso virtual e apresentam características particulares e próprias (MEYER, 2020).

O *e-mail* é uma forma de comunicação é uma forma de comunicação escrita com interação assíncrona, que possibilita o envio simultâneo de uma informação para um ou mais usuários. Esse gênero desempenha o papel de correio eletrônico e é similar ao bilhete, à carta, ao memorando, à conversa informal. O tipo de linguagem pode ser formal ou informal. Já os *blogs* são uma espécie de diário *on-line*, onde o usuário publica histórias, notícias e ideias dos diversos tipos. É de caráter mais pessoal e o autor tem liberdade de expressar seus pensamentos e sua identidade pessoal em forma de escrita. A linguagem é informal e aberta para interação com os leitores (MARCUSCHI, 2012; MEYER, 2020).

O fórum virtual incentiva a discussão e o aprofundamento de determinado tema ou assunto. É um gênero digital assíncrono e permite desenvolver as capacidades de leitura, escrita e interação entre os participantes. O autor pode refletir antes de enviar sua resposta, fazer correções e depois enviar de fato o texto redigido. O assunto selecionado é colocado no fórum, e em seguida são elaboradas as respostas para participação no debate e futuramente estas são disponibilizadas no fórum pelos participantes (SANTOS, 2020).

Já os *chats* são espaços *on-line* de interação síncrono, em que o usuário pode se comunicar com outros indivíduos que estejam na mesma sala virtual e tornou-se um dos gêneros mais populares. Essa comunicação pode ser aberta a todos os usuários do *chat*, em forma de conversação em grupo ou pode ser limitada para apenas um usuário previamente selecionado, uma conversa de caráter particular. A linguagem é objetiva, com frases curtas, podendo ser formal ou informal, uma produção escrita em forma de diálogo sequencial com retornos rápidos. Possui como característica uma linguagem própria, repleta de abreviações, etiquetas e, ainda, o uso de *emoticons* (MARCUSCHI, 2012; MEYER, 2020).

Essa gama de interações virtuais deu suporte para a criação de diversas redes sociais, como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter*, *TikTok*, *LinkedIn*, entre outros que permitem aos usuários vivenciarem as mais diferentes relações para além de sua comunidade local. Essas redes tem a característica de interatividade em tempo real (PAREJA, 2018).

3 CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E GÊNERO DO DISCURSO

3.1 Gênero do discurso

Quando se fala de gênero, logo se vem a ideia de linguagem, visto que o gênero surge na rede dialógica que compõe a linguagem e organiza em termos de esferas de atividade. No Brasil, o conceito de gêneros do discurso ou gêneros discursivos, de Mikhail Bakhtin, ainda é pouco entendido. É comum encontrar o uso indistinto dos termos “gêneros textuais” e “gêneros do discurso” ou “gêneros discursivos” (GUIMARÃES; BRISOLARA, 2020).

O filósofo russo Mikhail Bakhtin desenvolveu uma complexa rede de pensamentos que compõem sua filosofia da linguagem, da qual os gêneros fazem parte. Ele descreve um sujeito discursivo, que se constitui frente ao outro, no embate de dizeres, em que o enunciado é sempre uma resposta a outros enunciados, tanto na forma da antecipação de discursos futuros, como de atualização de discursos passados (GUIMARÃES; BRISOLARA, 2020).

Os gêneros de discursos surgem das relações dialógicas da língua, sendo tão variados e multiformes quanto à própria linguagem. Desse modo, os gêneros se organizam se adaptam e se transformam de acordo com as necessidades dos falantes em dada esfera de atividade. Os gêneros do discurso em cada campo da comunicação têm a sua concepção típica de destinatário que o determina como gênero. Para Bakhtin (2006, p. 262):

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas por que são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano é extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia-a-dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante vário (padronizado na maioria dos casos) dos documentos oficiais e o diversificado universo das manifestações publicísticas (no amplo sentido do termo: sociais, políticas); mas aí também devemos incluir as variadas formas das

manifestações científicas e todos os gêneros literários (do provérbio ao romance de muitos volumes).

É importante também entender a diferença entre gêneros discursivos primários e secundários. Bakhtin (2006) explica que os gêneros discursivos primários (simples), se formam nas condições da comunicação discursiva imediata. Esses gêneros simples integram os gêneros complexos (também chamados secundários), que por sua vez surge nas condições de convívio cultural mais completo, desenvolvido e organizado. São exemplos desse de gênero discursivo complexo os romances, dramas, pesquisas científicas. Em diferentes gêneros podem relevar-se diversas camadas e aspectos de uma personalidade individual.

Bakhtin leva em consideração a relação entre os gêneros primários e os secundários e os processos históricos de composição dos gêneros, principalmente os secundários, englobando tanto sua derivação a partir dos primários como a inter-relação entre gêneros (assimilação, alusão, citação, oposição, negação etc.), o que se vincula diretamente com os embates travados entre gêneros em suas esferas de produção, recepção e circulação. Cada esfera estabelece que gêneros podem ser produzidos e como o podem, suas maneiras típicas de recepção e onde e como circulam, algo sujeito a variações de acordo com as mudanças sociais e históricas, isto é, embora conservem algo de sua tipicidade, que nos permite identificá-los como o gênero x e não y, os gêneros não são formas rígidas, mas estruturas mutáveis (SOBRAL, 2011, p. 40).

O discurso se realiza de acordo com o gênero, o gênero é lugar de contato com o outro e esse contato envolve confronto de valores. Sendo assim, todo gênero surge no espaço em que ameaça impor ao sujeito um dado modo de dizer, mas em que promete que a singularidade do sujeito poderá dar a esse modo de dizer uma feição singular. Isso altera o gênero cada vez que ele é mobilizado, e consequentemente altera o sujeito cada vez que este se mobiliza para entrar em contato com o outro por meio do gênero, sem negar os aspectos que fazem dele um sujeito (SOBRAL, 2011).

3.2 Gêneros digitais

Conforme já mencionado sobre a teoria *bakhtiniana*, os gêneros do discurso são extremamente variados e multiformes, e estes surgem conforme o propósito comunicativo desejado. Com o advento da *internet*, surgiu-se a necessidade de uma comunicação que estivesse inserida no meio digital. Leão (2017), afirma que os ditos

gêneros emergentes – também entendidos como gêneros digitais, na verdade são assimilações e transmutações de gêneros preexistentes.

Os gêneros digitais são um construto instável e vulnerável e por isso estão mais suscetíveis a incorporar diversas características que, por sua vez, são capazes de satisfazer os objetivos de cada usuário da internet. Essa variabilidade é possível pelas evoluções inerentes a qualquer construção tipificada socialmente e provocada por diferentes mudanças sociais, psicológicas, econômicas e científicas (LEÃO, 2017).

Para Marcuschi (2010), os gêneros digitais são aqueles que estão emergindo no contexto da tecnologia digital em ambientes virtuais, como por exemplo: o *e-mail*, o *blog*, o *chat*, a videoconferência, entre outros. O autor relata que esses gêneros possuem características semelhantes com os gêneros textuais já consolidados no meio impresso.

Esses novos gêneros do discurso são marcados pelas transmutações e intercalação de linguagens, modalidades, mídias e que só podem ser reconhecidos dentro dos campos de comunicação pela mediação digital. Ou seja, é somente no uso concreto e com a presença de um conjunto de características que podemos definir se um determinado texto pode ser considerado gênero digital (MELO, 2021).

Além disso, é preciso considerar a presença determinante das tecnologias e fluidez dos ambientes virtuais em que os gêneros digitais são criados e expandidos. Esse cenário digital é marcado pela inventividade, liberdade de escrita e combinações multissemióticas. Os gêneros digitais correspondem aos formatos em que a escrita é promovida e torna-se dinâmica e participativa a partir de meios eletrônicos (MARCUSCHI, 2010).

Para o autor Souza (2001), as características desse gênero parecem sugerir que a comunicação digital é um tipo de prática discursiva que desafia as noções tradicionais de oralidade e escrita.

[...] Ela é escrita por valer-se de grafemas e ser passível de registro e armazenamento, possuindo potencialmente a permanência que caracteriza toda comunicação escrita. Ao mesmo tempo, ela aproxima-se do discurso oral por suas possibilidades quanto à interatividade, por ela podermos identificar traços de organização de troca de turnos, pelo discurso ser construído conjuntamente e localmente pelos interagentes, e por ele ter sua forma influenciada pela pressão do tempo, tal como acontece na conversação. Ela assemelha-se à conversação, também, por recorrer, ainda que semioticamente, à contextualização para linguística, por seus usuários

parecerem necessitar tão insistentemente transportar para a tela do computador suas risadas, tons de voz e expressões faciais (SOUZA, 2001, p. 33).

Os gêneros digitais são reflexo da complexificação das esferas da *internet*, cujos textos apresentam características tais como encurtamento de palavras, uso de *links* eletrônicos, uso de áudio, som e vídeos, entre outros. O desenvolvimento acelerado e o uso cada vez maior desses gêneros devem-se, principalmente, a essa interatividade e diferentes formas de expressão por meio da escrita digital (FERRAZ, 2010).

Portanto, entende-se que a natureza dos gêneros discursivos em meio digital é diferenciada conforme os elementos midiáticos incorporados, sendo classificados em: gêneros digitais emergentes e gêneros digitais importados de outras mídias. No primeiro, é possível considerar gêneros que, embora tenham influência de outros gêneros, acontecem exclusivamente na *internet*, como é o exemplo do *e-mail* e do *blog*. Já o segundo item corresponde a gêneros que ocorrem em mais de uma mídia como, como as reportagens jornalísticas, que ocorrem em mídia impressa, televisiva e digital (FERRAZ, 2010).

3.3 A análise de gênero textuais de acordo com abordagem sociorretórica

A abordagem sociorretórica de gêneros já está razoavelmente consolidada, tendo vários adeptos, especialmente alguns linguistas aplicados norte-americanos. No Brasil, existem vários trabalhos científicos seguindo essa abordagem. Essa tendência tem auxiliado, principalmente, o estudo de gêneros acadêmicos no ensino instrumental da língua escrita, tanto em língua estrangeira como na língua portuguesa. Mas já é possível observar uma expansão para pesquisas em gêneros não acadêmicos (SILVEIRA, 2005).

Após a contribuição de Bakhtin a respeito do caráter social do discurso, as preocupações sobre a escrita foram voltadas para os aspectos retóricos, preocupando-se não somente com os aspectos formais e regras prescritivas (sintaxe, pontuação, ortografia), mas também, com o processo interacional e discursivo, em que o escritor deve levar em conta o contexto, a audiência, o propósito comunicativo e o gênero adequado à situação (SILVEIRA, 2005).

A concepção de abordagem sociorretórica de gênero surgiu na segunda metade do século XX, quando importantes investigações e perspectivas que marcaram os estudos da linguagem. Esses estudos abrangem as questões do conhecimento humano e os usos da linguagem, estabelecendo um conjunto multidisciplinar de teorias subjacente à perspectiva sociorretórica de gênero (SILVA, 2008).

A tradição retórica tem sido evidenciada nos estudos de diversos linguistas norte-americanos a partir dos anos 70. Entre eles, o filósofo norte-americano Kenneth Burke, que no início da virada retórica, contribuiu bastante para o reaparecimento dessa disciplina nos estudos pós-estruturais da linguagem e do discurso e, também para os conceitos de gênero na perspectiva sociorretórica. Ele ressalta a característica persuasiva da linguagem está ligada ao ato de simbolizar e, dessa forma, colaborando com sua visão de linguagem como ação simbólica. O filósofo então define retórico como o uso das palavras pelos agentes humanos para formar atitudes ou para induzir ações noutros agentes humanos (SILVA, 2008).

4 ESCRITA DIGITAL X ESCRITA FORMAL

4.1 Influência da escrita digital sobre norma culta

Norma define-se como o conjunto de fatos linguísticos que caracterizam o modo como as pessoas de uma determinada comunidade falam. Esse conceito surgiu como uma forma de captar a heterogeneidade das linguagens. Logo, norma linguística é o conjunto de usos comuns a uma determinada sociedade e serve para caracterizar e distinguir cada grupo social (FARACO, 2008).

Para Castilho (2002) o conceito de norma é uma concepção ampla e estrita simultaneamente, a língua é ao mesmo tempo fator de coesão textual e também alvo de pressões sociais. O autor entende norma como sendo a observação de atitudes da classe social mais prestigiada e renomada dentro de um contexto comunitário. A norma culta é aquela que mais se difunde pelas escolas brasileiras e é considerada a única e a mais correta da Língua Portuguesa.

Para Faraco (2008), norma culta é o conjunto de fenômenos linguísticos variáveis que são usados habitualmente por falantes escolarizados em situações mais monitoradas de fala e de escrita. Pode-se acrescentar que é também um agregado de valores socioculturais observáveis de determinado grupo social em destaque.

Esta norma é de caráter objetivo e regido por diversas normas gramaticais rígidas. Ela é formada por frases bem elaboradas, explícitas, vocabulário rebuscado, coesão e coerência textual e regras de acentuação gráficas bem definidas. Sua escrita pressupõe interlocutores ausentes, sendo mediada por um terceiro suporte que é o documento habitado por outra forma de articulação de linguagens, seja ele a parede, um pergaminho, um outdoor, uma folha de papel ou um meio eletrônico (AGUIAR et al., 2015).

Por outro lado, a escrita digital é mais flexível, ampla, menos rígida e está bastante presente no cotidiano atual, seja ela notícia em *sites* e *blogs*, fóruns eletrônicos, *e-mail*, mensagens de texto instantâneas e em diversos outros meios de transmissão. Essa evolução trouxe consigo diversos benefícios, porém também trouxe uma série de preocupações e desafios em relação à escrita culta da língua portuguesa (RIBAS, et al., 2007).

Uma vez que essa linguagem exerce função essencialmente comunicativa é importante aceitar a diversidade de utensílios tecnológicos e das situações de comunicação que implicam níveis de maior ou menor formalidade. O resultado disto, segundo Padrão (2001) é a implementação de um novo estilo gráfico que se apoia em modelos já existentes, porém com uma configuração inédita e repleta de novos elementos, como a mistura de grafemas, signos, símbolos e ícones. Esse novo estilo gráfico não se prende às normativas clássicas de escrita, pelo contrário, abre-se espaço para a imaginação e criatividade em sua forma de se comunicar.

A escrita utilizada na *internet* apresenta características próprias com o intuito de tornar a comunicação mais dinâmica e semelhante à linguagem oral. Utiliza-se de abreviações, reduções de palavras, formação de novos termos, além de uso de elementos multimídia como os *gifs* e *emojis*. Esta linguagem é conhecida como “*internetês*” e suas características são bem comuns no ambiente virtual (MELO; SANTANA, 2017).

Maciel (2020) define o “*internetês*” como uma forma grafo linguística difundida por textos em chats, blogs e redes sociais. Utiliza-se da prática de abreviação, banimento da acentuação gráfica, acréscimo ou repetição de vogais, modificações do registro gráfico padrão, com troca ou com omissão de letras, diferindo assim da norma culta padrão.

Consequente a isto, é cada vez mais comum observar que a escrita digital está se adentrando em outros ambientes onde esse tipo de linguagem não é a mais apropriada, como por exemplo, o ambiente escolar. É comum observar textos escritos por alunos marcados por características do “*internetês*”. Há então uma crescente preocupação sobre como essa linguagem digital pode afetar a língua portuguesa padrão (ALVES, 2014).

Atualmente estamos experimentando uma revolução linguística na qual os modelos antigos poderão ser substituídos por novos modelos e isto é motivo de incertezas para alguns estudiosos. Ao nível de grafologia, a escrita digital reflete os usos orais cotidianos da fala, atendendo as exigências da situação de comunicação que tem como máxima brevidade e rapidez típica da fala para se ajustar aos teclados virtuais, presentes nesse tipo de comunicação (TOJAL, 2013).

Segundo Tojal (2013), o “*internetês*” segue seis princípios básicos: brevidade e velocidade; reestruturação linguística; aproximação fonológica; compensação da

ausência da interação face a face; criatividade lexical e monitoração fraca da linguagem.

O princípio de brevidade e velocidade se relaciona com os aspectos de tempo e espaço impostos pelos ambientes virtuais e se estruturam dos recursos de abreviação de itens lexicais nos quais as palavras são abreviadas marcando-se a letra para cada sílaba (beijinhos = bjns; tudo = td; pq = porque) e o uso mínimo de letras maiúsculas e sinais de pontuação. No código de etiqueta da internet, escrever em letra maiúscula remete a gritos ou falar alto e ela serve para marcar entonação na fala. E já quanto ao uso de pontuação, ela foi praticamente abolida no meio virtual, porém o ponto de exclamação, interrogação e reticências são usados para dar ênfase a alguma frase (TOJAL, 2013).

Na reestruturação paralinguística está envolvido à logografia (tentativa de escrever na mesma velocidade em que se fala) e tem como recursos a homofonia entre número e sequências de letras e a recuperação de vogais excluídas. A aproximação fonológica é a quebra das convenções ortográficas com intuito de agilizar a comunicação, ou seja, quando dois grafemas têm fonemas iguais e faz-se a escolha pelo grafema mais curto. Um exemplo seria o “ch” e “x”, a opção utilizada na comunicação virtual é o “x” pois é mais curto (TOJAL, 2013).

Por fim, Tojal (2013) relata que na compensação da ausência da interação face a face, os internautas criaram novos recursos para substituir essa ausência presencial, seguidos dos seguintes recursos: o alongamento vocálico e consonântico, a frequência de onomatopeias, os emoticons de teclado e emoticons gráficos, símbolos que não fazem partes das notações léxicas tradicionais e o uso da tecla *enter* para marcar os tempos da fala. Na criatividade lexical é inserido vocábulos pertencentes à gírias do cotidiano e dizeres específicos do ambiente virtual, não se prendendo à comunicação formal. Já na monitoração fraca da linguagem, a escrita digital é descontraída e informal, consequentemente, não passa por revisões ou correções.

Para Hamze (2008), é necessário se familiarizar com as linguagens múltiplas, com a evolução das tecnologias, de expressões e as diferentes lógicas de articulação. O modo de interação com o mundo, atualmente, é orientado pelos meios de comunicação, e devido a esta evolução digital é necessário pensar na educação associada ao uso da tecnologia. O educador deve preparar o educando para usar

criticamente as diversas formas de linguagens e também utilizá-las de maneira adequada.

Rojo e Moura (2012) concordam sobre a importância em aceitar e valorizar as novas formas linguísticas e culturais da sociedade contemporânea, e também possibilitar sua ampliação. Isso só se torna possível quando o sujeito é formado de modo a fazer escolhas linguísticas conscientes, sabendo distinguir a diversidade linguística e transitar entre a realidade multissemiótica das escritas virtuais e a norma culta padrão dos textos formais.

4.2 Fanfiction: uma escrita criativa na Web

A escrita é inexistente sem a criatividade, que por sua vez, pode ser entendida como: capacidade de criar, de inventar, de inovar. Há inúmeras definições do que é criatividade, e a compreendemos como elemento fundamental na produção artística e literária. E qualquer que seja o gênero textual, pode ser criativo desde que tenha inovação e originalidade (VIEIRA, 2017).

Com o surgimento da *internet*, a criatividade tornou-se mais e as produções culturais passaram por uma série de reconfigurações. As barreiras entre o produtor e o receptor foram ultrapassadas e hoje é possível consumir vários tipos de produções artísticas em um único ambiente virtual, como ouvir músicas, assistir filmes e ler livros. Esse ambiente virtual é conhecido como *web* e permite uma ampla interação entre seus usuários, bem como na participação e criação de conteúdo (ZANDONADI, 2019).

Esse fenômeno causou um impacto no que diz respeito ao uso da linguagem. Para Levy (2000) não há como ignorar esse novo espaço de comunicação, pois seu crescimento tem proporcionado aos usuários novas formas de interação. A *web* possui uma enorme multiplicidade textual, seja ela de forma verbal, oral, imagética ou em forma de *links* e comentários. Essa diversidade de gêneros exige do leitor uma postura mais ativa e exploradora.

Dentre os gêneros que surgiram com o advento da *web*, estão as *Fanfictions*, que são histórias sobre personagens preexistentes criadas por fãs de obras literárias, séries televisivas, jogos, filmes, entre outros, e é provavelmente um dos gêneros de ficção mais lidos atualmente (GARCIA, 2016).

Os autores se utilizam de personagens já existentes ou trechos da história, recriam, reformulam o final, criam novos personagens e dão continuidade ao texto,

com o objetivo de prolongar a narrativa. Esses contos são publicados em *websites* conhecidos pelos jovens, como o *Wattpad*, *Fanfiction.net*, *Nyah! Fanfiction*, *Fanfics Brasil* (ZANDONADI, 2019).

As primeiras manifestações desse gênero surgiram nos Estados Unidos por volta da década de 30, por meio de *fandoms*. O *fandom* é um grupo de pessoas cujo gosto ou preferência giram em torno de uma obra divulgada pelos meios de comunicação, como as obras literárias. Os participantes desses grupos sentiram a necessidade de ampliar o contato com as obras ficcionais por eles apreciadas (VARGAS, 2005).

No Brasil, esse fenômeno foi iniciado por meio das *fanzines*, que eram revistas feitas por fãs que abrangiam determinado tema cultural em ascendência. Essas revistas eram vendidas em bancas de jornal ou enviadas por correspondência entre os fãs. Mas por ser distribuído apenas em meio impresso, essa veiculação era consideravelmente limitada. Com o surgimento da *internet*, os escritores de *Fanfictions* encontraram o espaço ideal para a publicação e a formação de comunidades com outros fãs (FRANÇA; VIEIRA, 2019).

O surgimento desse tipo de escrita proporcionou inúmeras possibilidades de escrita e de leitura, formas diversificadas de participação nos grupos de *Fanfiction*, o que leva essas comunidades, muitas vezes, a impor regras para a interação. De acordo com Cruz (2008, p. 2)

As produções na rede não reúnem maiores pretensões literárias e nenhuma intenção lucrativa, um trabalho que embora seja verdadeiramente amador, no sentido de quem faz algo por amor e prazer, tem na relação bivalente entre autores e leitores um estímulo para melhorar. E que nas regras firmadas encontram a segurança para estabelecer um nível razoável de ordem formas nas comunidades ou *fandoms* [...] A produção de fãs na grande rede é território de interação e liberdade criativa, troca de impressões e habilidades, desenvolvimento comunicativo, maior apropriação do sistema linguístico materno, possível aprimoramento de uma segunda língua, livre produção textual e de uma linha editorial possível para os milhões de jovens escritores.

A escrita de *Fanfictions* está inserida no contexto da cultura participativa. Os consumidores deixaram de ser simplesmente observadores, e passaram a participar ativamente no desenvolvimento de seus próprios enredos. O escritor de *Fanfictions* encontra liberdade e espaço para escrever qualquer cenário que tenha imaginado. O

autor desenvolve habilidades de interpretação literária da obra original, e a partir daí absorve, digere e produz seus textos conforme seu próprio entendimento (FELIX, 2008).

Esse gênero se caracteriza por seu traço de ficcionalidade, fazendo um misto de imagens e formas verbais. Ao representar um universo de ficção, a *fanfic* se apresenta como uma narrativa literária, pois evoca diferentes cenários espaço-temporais, configurando uma história que representa situações reais ou que correspondam ao imaginário coletivo da comunidade virtual. Outro aspecto é a produção da modalidade discursiva, que tem como principal função narrar os eventos. Sendo assim, pode ser analisada com os mesmos aspectos de qualquer texto literário que consideram o plano da trama (ZAPPONE, 2008).

A autora ainda assinala a relação de gratuidade estabelecida entre as *Fanfictions* e a comunidade. Essa comunicação gratuita compartilhada entre leitores, produtores e usuários se dá pelo advento do ciberespaço, o que permite ao receptor uma facilidade em acessar sites contendo esses conteúdos para satisfazer uma necessidade de evasão e de ficção.

A *Fanfiction* explora pontos de vista alternativos, que reestruturam os eventos do livro pelos olhos de outro personagem; explora “possibilidades” sugeridas, mas não desenvolvidas nos romances, preenche as lacunas entre os eventos do enredo e às vezes até se estende além do ponto do último livro publicado (TOLEDO et al., 2013, p. 7).

Guerreiro (2019) destaca seis dos principais tipos de *Fanfictions* encontradas na *web* e suas características. *Doujinshi* é uma narrativa inspirada em animes e mangás, podendo ter ilustrações feitas com bases nessas obras; as obras de Universo Alternativo (U. A.) são narrativas que usam os personagens de uma obra-base e mantem as mesmas características psicológicas e físicas, porém em ambientes distintos dos originais; o *Crossover* é uma espécie de mistura entre vários personagens de obras diferentes; *One-sho Fanfic* é uma *fanfic* de apenas um capítulo e se assemelham à contos; *Revenge Fic* é quando o fã não gosta de algum aspecto da obra e cria outras narrativas em cima disso e os *Hentai* que são *Fanfictions* com conteúdo eróticos.

Há ainda uma classificação entre os usuários de *fanfics*. Os capistas se dedicam a criar as capas das *Fanfictions*, os *betas readers* revisam os textos de outros

usuários e os *helpers* são aqueles que auxiliam, tiram dúvidas e orientam os novos escritores. Essas práticas colaborativas de escrita na rede é uma característica muito marcante entre o *fandom* (GUERREIRO, 2019).

O advento da *internet* possibilitou o comportamento cooperativo entre seus usuários e favoreceu o surgimento de produções textuais criativas, como é o caso das *Fanfictions*. O ambiente virtual permitiu uma autoria contemporânea mais inovadora, flexível, versátil e coletiva. A escritor passou a fazer parte de totalizações diversas, um coletivo de construção de uma obra em processo, infindável (GUERREIRO, 2019; NEVES, 2014).

5 CONCLUSÃO

Os gêneros textuais são elementos de fundamental importância no que se diz respeito à comunicação. Eles surgem de acordo com as necessidades de cada grupo social, em determinado contexto, de se expressar por meio da escrita e da oralidade. Não é de se espantar que conforme a tecnologia foi evoluindo e com o advento da *internet*, surgiram também novas formas de comunicação no meio virtual.

Devido a isso, a *internet* tem proporcionado uma série de efeitos sob a linguagem e resultando no surgimento dos gêneros textuais digitais. O ciberespaço é um ambiente altamente dinâmico e permite a agregação de diversos recursos comunicativos como as imagens, o texto, os sons e os vídeos. E por ser um tipo de comunicação livre e flexível, está presente cada vez mais no cotidiano dos brasileiros, perpassando por todas as idades, gêneros, classes sociais e culturas.

Logo, apesar dos receios referentes à influência desses gêneros digitais no aprendizado da língua portuguesa, muitos estudiosos entendem que, se utilizado da forma crítica e consciente, os gêneros digitais podem trazer benefícios e auxiliar o educador no ensino da linguagem.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, C. F. et al. ESCRITA FORMAL E ESCRITA VIRTUAL: orgulho e preconceito. **XII EVIDOSOL e IX CILTEC-Online** - junho/2015.
- ALMEIDA, F. J. Escola, currículo, tecnologias e desenvolvimento sustentável. **Revista e-Curriculum**, v. 7, n. 1, 2011.
- ALVES, T. C. O internetês e o ensino de língua portuguesa: uma reflexão sociolinguística. **XVII CONGRESO INTERNACIONAL ASOCIACIÓN DE LINGÜÍSTICA Y FILOLOGÍA DE AMÉRICA LATINA**, v. 8, 2014.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Os gêneros do discurso. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 4.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BAZERMAN, C. **Gêneros Textuais, Tipificação e Interação**. Tradução: Angela Paiva Dionisio e Judith Chambliss Hoffnal. 4 ed., São Paulo: Cortez, 2011.
- CASTANHEIRA, K.; BRUMATTI, V. Sociedade Informacional: A Representação do Sujeito nas Redes Sociais. **XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2011.
- CASTELLS, M. **Galáxia da internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CASTILHO, A. T. Variação dialetal e ensino institucionalizado da língua portuguesa. In: BAGNO, Marcos. (Org.). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002, p. 27-36.
- CRUZ, R. R. Fanfiction: impulsionando prática de leitura em tela e produção textual entre adolescentes. **Simpósio Hipertexto e tecnologias na educação – multimodalidade e ensino**, 2008.
- DUBOIS, J. et al. **Dicionário de linguística**. São Paulo: Cultrix, 2007.
- ELIX, T. C. O dialogismo no universo fanfiction uma análise da criação de fã a partir do dialogismo bakhtiniano. **Ao pé da letra: revista dos alunos de graduação em Letras**, Pernambuco, v. 10, n. 2, p. 119-133, jul./dez. 2008.
- FAROCO, C. A. **Norma culta brasileira: desatando alguns nós**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- FERRAZ, F. S. M. Gêneros digitais e a hipertextualidade. **Revista do GEL**, [S. l.], v. 7, n. 1, p. 127–144, 2010.

FRANÇA, S. H. F.; VIEIRA, V. C. Reflexões sobre a prática social da escrita em Fanfictions. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 03, n. 4, p. 05-17, 2019.

FREITAS, D. A. S.; FINELLI, L. A. C.; MACIEL, B. C. F. Textos Eletrônicos: Novos Gêneros Textuais? **Humanidades**, v. 3, n. 1, fev. 2014.

GARCIA, Antero. Making the case for youth and practitioner reading, producing, and teaching fanfiction. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 60, n. 3, p. 353-357, 2016.

GUERREIRO, A. As Fanfics E A Nova Face Da Autoria Literária No Ciberespaço. **Revista Virtual de Letras**, v. 11, n. 1, 2019.

GUIMARÃES, F. T. B.; BRISOLARA, V. S.; SOBRAL, A. Gêneros textuais e/ou gêneros do discurso? Um olhar da perspectiva dialógica da linguagem sobre o gênero. **Revista Educação e Linguagens**, p. 506-520, 2020.

HAMZE, Amélia. **Internetês**. Brasil Escola: Canal do educador. Disponível em: <www.educador.brasilecola.com.> Acesso em: 28/07/2021.

HJELMSLEV, L. **Prolegômenos a uma teoria da linguagem**. São Paulo: Perspectiva, 1975.

LEÃO, W. C. A. Gênero digital e seus propósitos comunicativos: uma análise em perfis pessoais de sites de relacionamento. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**, v. 10, n. 1, 2017.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2005.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2003.

MACIEL, J. W. G. **Internetês na EJA via whatsapp: um desafio a escrita formal?** Dissertação (Mestrado) – Centro de Ciências Aplicadas e Educação, Universidade Federal da Paraíba. Mamaguape, p. 100. 2020.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. IN: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**. São Paulo: Cortez, 2010a, p. 15-80.

MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (org.). **Gêneros textuais & ensino**. 2º ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos (Org.). **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 3ed. São Paulo: Cortez, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e gêneros digitais: novas formas de construção de sentido**. 2ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MELO, R. de. Gêneros do discurso e multiletramentos: uma discussão dialógica. **Estudos Linguísticos (São Paulo. 1978)**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 895–908, 2015.

MELO; E. A.; SANTANA, F. P. A influência da linguagem da internet na escrita formal: uma pesquisa com alunos do 9º ano na cidade de Tobias Barreto-Se. **Revista Cadernos de Estudos e Pesquisa na Educação Básica**, Recife, v.3, n.1, p. 21-34,2017.

MEYER, Antonia Izabel da Silva. Hipertextos e Gêneros Digitais: Conceitos e características. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, v. 15, n. 5, 2020.

MOTTA-ROTH, Désirée. O ensino de produção textual com base em atividades sociais e gêneros textuais. **Linguagem em (Dis) curso**, v. 6, n. 3, p. 495-518, 2010.

NEVES, A. de J. **Cibercultura e literatura: identidade e autoria em produções culturais participatórias e na literatura de fãs (fanfictions)**. Jundiaí-SP: Paco Editorial, 2014.

PADRÃO, M. H. A agora dos nossos dias. **Perspectivas XXI**, 8: 121-127, Maia: Publismai, 2001.

PAREJA, C. J. M. **Leitura e escrita na era digital**. 2ed. Curitiba: Fael, 2018.
RIBAS, Elisângela et al. A influência da linguagem virtual na linguagem formal de adolescentes. **RENOTE**, v. 5, n. 1, 2007.

ROJO, Roxane e MOURA, Eduardo (orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SANTOS, Tâmara Amaral. Gêneros Textuais Digitais E Ensino De Língua Portuguesa. **ARTEFACTUM-Revista de estudos em Linguagens e Tecnologia**, v. 19, n. 1, 2020.

SILVA, A. R. A abordagem sócio-retórica de gêneros do discurso: o artigo de opinião no ensino médio. **1ª Jornada Internacional de Estudos do Discurso**, p. 01-09, 2008.

SILVEIRA, M. I. M. **Análise de gênero textual: concepção sócio-retórica**. Maceió: EDUFAL, 2005.

SOBRAL, A. Gêneros discursivos, posição enunciativa e dilemas da transposição didática: novas reflexões:. **Letras de Hoje**, v. 46, n. 1, p. 37-45, 2011.

SOUZA, A. G. Gêneros virtuais – Algumas observações. **Revista Eletrônica de Divulgação Científica em Língua Portuguesa, Lingüística e Literatura** - Ano 04 n.07 - 2º Semestre de 2007.

SOUZA, R. A. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

SOUZA, Ricardo Augusto de. O discurso oral, o discurso escrito e o discurso eletrônico. In: PAIVA, Vera Lúcia M. de O. (Org.). **Interação e aprendizagem em ambiente virtual**. Belo Horizonte: Ed. da UFMG, 2001.

TOJAL, M. D. Comunicação Digital: novos usos da escrita e sua projeção no texto publicitário. **Revista Intercâmbio**, v. XXVII: 164-187, 2013.

TOLEDO, A. C. et al. A relação do fã e a mídia: participatividade e influência. **Congresso De Ciências Da Comunicação Na Região Sudeste**, 2013.

TRAVAGLIA, L. C. **Tipelementos e a construção de uma teoria tipológica geral de textos**. In: FÁVERO, Leonor Lopes; BASTOS, Neusa M. de O. Barbosa; MARQUESI, Sueli Cristina (Org.). *Língua Portuguesa pesquisa e ensino*. V. II. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2007.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Composição Tipológica De Textos Como Atividade De Formulação Textual. **Revista do GELNE**, vol. 4, nº 12, p. 29-34, 2002.

VARGAS, M. L. B. **O fenômeno fanfiction: novas leituras e escrituras em meio eletrônico**. Passo Fundo: UPF, 2005. 127p.

VIEIRA, D. D. As fanfics e os olimpianos: escrita criativa, discurso e identidade no ambiente virtual. **Estudos linguísticos**, Sinop, v. 10, n. 22, p. 147-167, jul./dez. 2017.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZANDONADI, R. S. **Leituras e escrita em língua portuguesa: a fanfiction na sala de aula**. Dissertação (mestrado) – Faculdade de ciências e letras, Universidade Estadual Paulista. Assis, p. 401. 2019.

ZAPPONE, Mirian H. Y. Fanfics – um caso de letramento literário na cibercultura? **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 43, n. 2, p.29-33, 2008.